

## A EFETIVIDADE DO CONCEITO DE GESTÃO DA APRENDIZAGEM DESCRITA NA LITERATURA

THE EFFECTIVENESS OF THE LEARNING MANAGEMENT CONCEPT DESCRIBED IN THE LITERATURE  
LA EFECTIVIDAD DEL CONCEPTO DE GESTIÓN DEL APRENDIZAJE DESCRITO EN LA LITERATURA

### José Lauro Martins

Licenciado em Filosofia. Mestre e Doutor em Educação.  
Professor do PROFNIT UFT e do curso de Comunicação Social. [jlauro@uft.edu.br](mailto:jlauro@uft.edu.br).

 0000-0001-7817-8165

### Dhuliet Keterine Ferreira Milhomem

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde – PPGECs-UFT).  
[dketerine@gmail.com](mailto:dketerine@gmail.com).

 0000-0001-9079-3777

Endereço de correspondência: UFT - Campus Palmas -  
Avenida NS 15, 109 Norte - Plano Diretor  
Norte - Palmas - TO, 77001-090 Brasil

### RESUMO:

A gestão da aprendizagem fundamenta uma proposta de ensino organizada em torno da aprendizagem, a partir do protagonismo do aprendente. Este estudo teve por objetivo identificar a efetividade do conceito de Gestão da Aprendizagem descrita na literatura científica. Foi realizada Revisão Sistemática da literatura Publicada entre 2010 e 2020. O protocolo PRISMA foi utilizado, e foram selecionados 50 artigos. A literatura científica aponta que a gestão da aprendizagem é tratada de forma indireta e fragmentada nos estudos deste conceito e estabelece pouca relação entre os seus princípios norteadores. Fica evidente a importância de uma maior apropriação e divisão das responsabilidades no processo de ensino-aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVES:** Gestão da aprendizagem; autonomia; metacognição; autorregulação.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidade para a sua própria produção ou a sua construção” (Paulo Freire).

## Introdução

A Gestão da Aprendizagem fundamenta a proposta de ensino organizado em torno do processo de aprendizagem, sua organização, a qual se referencia no tempo de aprendizagem e não no tempo administrativo dos currículos escolares, trata de contemplar as experiências trazidas por todos os atores envolvidos na aprendizagem e na construção de sentido nos processos de construção do conhecimento. É preciso também considerar as características únicas de cada aprendente que influenciam o seu modo de vida, logo, o seu modo de estar na escola.

Nos modelos tradicionais de currículo, limita-se o tempo para desenvolver habilidades e competências; os alunos são avaliados da mesma maneira, tendo que cumprir atividades dentro de um período pré-estabelecido e comum a todos, sem serem contemplados nos seus aspectos particulares de aprendizagem.

Neste trabalho buscamos responder a seguinte questão: Como a Gestão da Aprendizagem é apresentada pela literatura científica? Para responder a essa questão optou-se por uma Revisão Sistemática da literatura (LINDE, 2003; SAMPAIO, 2007). Com a intenção de identificar como o conceito de gestão da aprendizagem é trazido e utilizado nas publicações em periódicos acadêmicos entre 2010-2020, avaliado por pares, em inglês, português e espanhol. Foram utilizadas as recomendações do documento Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-analyses (PRISMA) (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015) como instrumento norteador, que pode ser acessado no anexo deste trabalho.

O estudo foi constituído em cinco etapas: (I) identificação do fenômeno a ser estudado com estabelecimento da pergunta norteadora e a formulação da string de busca focada no problema central de pesquisa; (II) realização de busca de estudos científicos publicados na base de dados informatizada e leitura dos resumos; (III) seleção dos artigos e a extração dos dados; (IV) reportar os achados da pesquisa e discussão dos resultados; (V) síntese do conhecimento.

A partir da questão de pesquisa foi formulada a seguinte string de busca: (Gestão da aprendizagem) AND (Aprendizagem OR autonomia OR aprender a aprender). Teve a união dos principais termos para a extração dos trabalhos em uma expressão booleana, com a

finalidade buscar por pesquisas que tenham estudos sobre gestão da aprendizagem, autonomia na aprendizagem e aprender a aprender. Ou seja, o artigo deve ter todos esses termos em seu resumo ou no corpo do seu texto para ser considerado apto.

### **Da Gestão do Ensino à Gestão da Aprendizagem**

O modo como os conteúdos escolares são comumente organizados para a gestão do ensino em sala de aula ignora as relações políticas e sociais que os alunos possam vir a estabelecer com estes, não favorece que o conhecimento construído subsidie o posicionamento crítico e a inserção social dos aprendentes. Morin (2002) denuncia com muita propriedade a supremacia do conhecimento fragmentado que, para ele, impede de operar o vínculo entre as partes e a totalidade.

O modelo tradicional de organização da educação formal é fundado na 'gestão do ensino', em que a principal referência é que o professor e a maior atenção se voltam para o ensino (distribuição) de conteúdo. Desta forma, há uma busca por resultado a fim de responder as provas com notas de 0 a 10 para validar a qualidade do ensino. É preciso entender que conteúdos escolares, quando dissociados da realidade de vida, resultam na aprendizagem sem significado, pode preparar para passar por provas, mas não instrumentaliza o indivíduo para melhor usufruir dos bens sociais. (VIEIRA, SOFIA.; VIDAL, 2015).

A Gestão da Aprendizagem consiste em uma estrutura de pensamento educativo que propõe mudanças de paradigma, coloca o tempo de aprendizagem do aluno acima do tempo burocrático das estruturas tradicionais, organiza a aprendizagem segundo as necessidades dos aprendentes face aos seus conhecimentos já acumulados e contextualizados à sua realidade social. Ou seja, forma para a cidadania pelo caminho da construção da autonomia (MARTINS, 2017). Para a gestão da aprendizagem, a aprendizagem ocupa o papel central nas discussões e o aprendente, como protagonista do processo. O foco está, portanto, em aprender e em quem aprende.

No entanto, para que haja aprendizagem, o sujeito precisa estar em condições de fazer um investimento pessoal em direção ao conhecimento. Esse investimento, por sua vez, está diretamente ligado aos recursos pessoais mesclados às possibilidades sociais, econômicas, afetivas, materiais etc. Assim, gestão da aprendizagem é a capacidade de planejamento e organização que o aprendente desenvolve ao longo da vida para o alcance das metas de aprendizagem, sendo subsidiado pelas suas habilidades e competências e rodeado pelos contextos sociais e individuais, que são fatores que permeiam o processo de ensino-aprendizagem.

## Princípios da Gestão da Aprendizagem

A Gestão da Aprendizagem se desenvolve a partir da ideia de que a aprendizagem é mais efetiva quando o sujeito toma para si as rédeas do seu processo de aprendizagem, tornando o professor um mentor que o ajuda a direcionar o seu potencial. Para que isso seja possível, os atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem precisam desenvolver habilidades e competência que possibilitem essa autogestão.

A autorregulação é um princípio importante por se tratar da capacidade do estudante administrar as suas necessidades para o processo de aprendizagem. Também é um processo de reflexão e ação no qual o aluno planeja, monitora e avalia o seu próprio aprendizado. "Teoricamente, o conceito de auto regulação incorpora uma relação entre quatro dimensões básicas da aprendizagem: a cognitiva/metacognitiva, a motivacional, emocional/afetiva e a social" (ZIMMERMAN & SCHUNK, 2011). O objetivo fundamental da educação, como disse Bandura (1986, p.174): "é equipar os alunos com as capacidades de auto regulação que lhes permitam educar-se".

A metacognição é outro princípio fundamental que precisa ser devolvido, não se trata de uma capacidade inata, mas de uma aprendizagem que ajuda o aprendente a identificar os limites do seu conhecimento. As raízes históricas da metacognição remontam ao psicólogo John Flavell (1979) e consistem na capacidade de cada sujeito de conhecer a si mesmo, controlar-se, regular-se e avaliar seus mecanismos de aprendizagem. A isso nós chamamos de construção da autonomia para uma contínua gestão da sua aprendizagem.

Para além da metacognição e autorregulação, a construção da autonomia é um dos princípios norteadores mais importantes ao se tratar de gestão da aprendizagem. O conceito de autonomia dos aprendentes passou a ser considerado pelos professores e pesquisadores na década de 1980. Henry Holic (1981) definiu a autonomia para a construção do conhecimento como "a capacidade de se encarregar do próprio aprendizado". Desde então, muitas definições foram dadas ao termo, variando de acordo com o contexto em discussão.

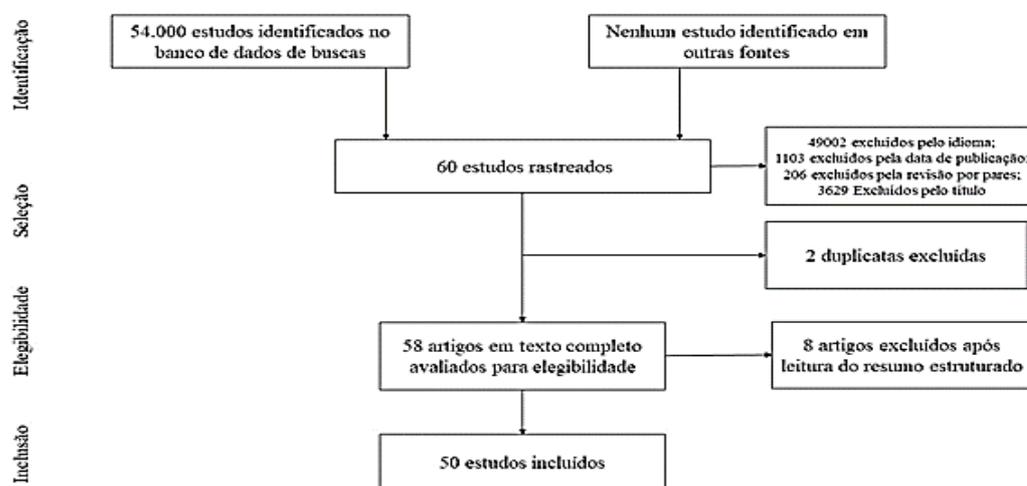
Outro elemento importante no processo de aprendizagem para a construção da autonomia do aprendente é a avaliação. Nesse caso, a avaliação precisa ter um valor regulatório da aprendizagem pelo próprio aprendente. Para isso é necessária a construção da consciência do papel da avaliação como uma diretriz para gestão da aprendizagem como parte do processo e não como uma interrupção do processo para prestar contas a uma agente externo (FERNANDES, 2019; PACHECO, 2018).

Partindo dos achados da literatura, também são consideradas outras questões importantes para gestão da aprendizagem: a avaliação, o papel do professor, “aprender a aprender”, o papel do aprendente no processo da aprendizagem. São variáveis que, se articuladas e bem desenvolvidas, subsidiarão o aprendente em direção à autogestão da aprendizagem.

## O que a pesquisa nos revelou

Apresentamos por meio da Figura 1 o fluxograma das etapas destes estudos.

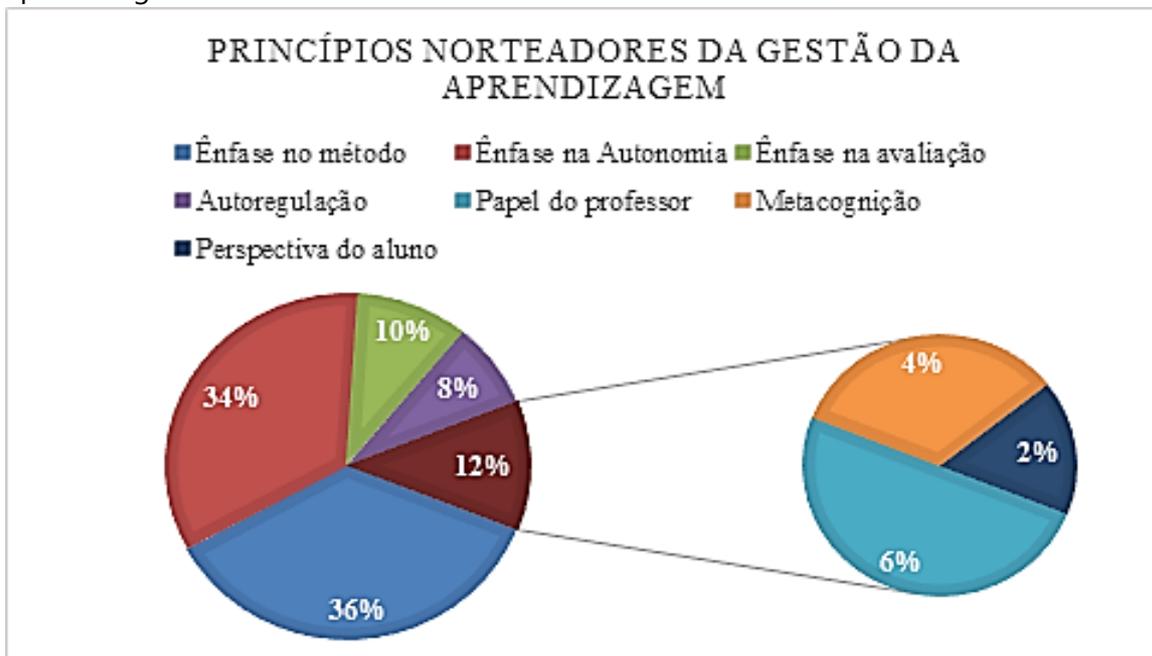
**Figura 1** Fluxograma das etapas dessa revisão sistemática.



Fonte: Autoria própria.

A partir dos critérios de inclusão, foram acolhidos 50 artigos por apresentarem vínculo com os princípios norteadores da gestão da aprendizagem. Os artigos foram organizados por categorias para melhor organização do trabalho e seguindo os fundamentos teóricos dos princípios norteadores da gestão da aprendizagem de acordo com os autores utilizados neste estudo, considerando também os achados da busca (Figura 2).

**Figura 2** Distribuição dos artigos segundo princípios norteadores da gestão da aprendizagem encontrados nos estudos incluídos nesta revisão.



Fonte: Autoria própria.

A partir dos resultados deste estudo, apresentamos as evidências constatadas de acordo com análise dos dados. A maioria dos artigos analisados (92%) trata, ao menos, de um dos princípios norteadores da gestão da aprendizagem exclusivamente, mas não aborda a temática na sua abrangência. Observamos a prevalência da natureza qualitativa das pesquisas (94%) reportadas nos artigos escolhidos. As categorias serão apresentadas em três tópicos, concentrando a discussão em torno dos três princípios norteadores da Gestão da aprendizagem, de acordo com a fundamentação teórica utilizada neste estudo.

### Autonomia

Na categoria Ênfase na autonomia houve 15 artigos relacionados, o que representa o segundo maior grupo de artigos deste estudo. Nesses artigos foi possível observar que a autonomia do aprendente é tratada como ponto central da gestão da aprendizagem e trazem ações específicas para promover a autonomia do aprendente no processo de aprendizagem. Principalmente utilizando as metodologias ativas como abordagem metodológica de construção da autonomia.

Segundo Komissarouk, Harpaz e Nadler (2017), as pessoas diferem umas das outras na forma de aprender, conseqüentemente, também diferem sobre como vivenciam esse processo de construção de autonomia. De acordo com este autor, a orientação/mediação

do professor aos aprendentes deve ser adequada aos estudantes à construção da autonomia.

O desenvolvimento da autonomia do aprendente implica algumas variáveis no processo de ensino-aprendizagem, tais como: a importância de considerar os saberes prévios dos aprendentes, no qual entra o caráter autobiográfico e autorreferencial do conhecimento; o exercício da teorização à luz da produção científica; a importância da relação dos saberes, evidenciando o quanto é prejudicial a separação dos conteúdos por disciplinas e; a dialogia entre os atores (CAMPOS; RIBEIRO; DEPES, 2014).

Lüftenegger (2012), no seu estudo sobre “lifelong learning” (LLL) (aprendizado ao longo da vida), refere-se ao aprendizado ao longo da vida como uma estratégia pedagógica que resulta, inevitavelmente, numa aprendizagem com autonomia e auto regulação.

Porém, vale ressaltar que entre a dependência e a autonomia há processo longo de aprendizagem para que os alunos possam aprender a assumir a aprendizagem no ambiente escolar. É um processo influenciado por vários fatores singulares, tais como a motivação individual, nível de autorregulação e a experiências de vida etc. Também é influenciado por fatores externos, tais como a cultura da comunidade em que está inserido, se mais coletiva ou individualista; o meio ambiente e a relação professor-aprendente etc. Segundo Sultana (2018), caso as necessidades dos aprendentes fiquem claras, os objetivos e as limitações de aprendizagem podem ser expressos mais facilmente e o processo de aprendizagem pode se tornar mais motivador. Ao passo que, se as necessidades dos alunos não forem consideradas na gestão do ensino, pode levar à baixa motivação. Logo, capacitar o aprendente para alcançar melhor nível de autonomia passa por descobrir o que os aprendentes percebem como desafio e orientá-los para que cada um supere os obstáculos autonomamente.

A dependência do aluno aos professores amplifica o prejuízo na construção da autonomia no processo de aprendizagem. Os alunos mais dependentes são menos proativos e as ordens dos professores passam a ser um impulso necessário para os estudos, atitude bem comum no modelo tradicional de ensino, questionada quando propomos em organizar a gestão do ensino fundada nos princípios da gestão da aprendizagem.

A categoria Ênfase no método agregou 36% dos artigos analisados. A Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL – Problem Based Learning) é uma das metodologias ativas mais difundidas entre os artigos incluídos nesta categoria (n=18), correspondendo a seis artigos. Outras metodologias citadas foram: aprendizagem por projeto, aprendizagem por construção de portfólios, por prêmios e concursos, sala de aula invertida, aprendizagem

por pesquisa/autoria, por problematização em times e por trabalhos de extensão e pesquisa. Os estudos nos mostraram que há um uso significativo de estratégias metodológicas que podem contribuir para a construção da autonomia. Todavia, sabemos que as escolas com salas muito cheias e a falta de recursos dificulta aos professores usarem as diversas metodologias que vão além da aula expositiva.

Apesar do reconhecimento da necessidade em inovar na gestão do ensino, vimos referência à construção de uma organização curricular para melhorar o trânsito dessas metodologias. O que mais acontece é um 'encaixe' das metodologias ativas no modelo tradicional de ensino.

A utilização de metodologias que se firmam como o princípio à construção da autonomia e ressalta a necessidade da preparação de professores competentes nas dimensões técnica, científica, ética e política para sujeitos sociais com capacidade de atuar em contextos de incertezas e diferentes graus de complexidade. Isso só é possível com indivíduos autônomos no seu pensar e agir.

### **Autorregulação**

O conceito de autorregulação está intimamente relacionado ao conceito de autonomia e metacognição. Trata-se do desenvolvimento das habilidades de monitorização, controle, avaliação, organização, formulação de metas, gestão do tempo e busca de informações. Enfim, trata-se da regulação da própria aprendizagem por parte do aprendiz.

Independentemente do modelo teórico utilizado para entender a autorregulação, seja de Albert Bandura (1986), ou Barry Zimmerman (2001), ou Dale Schunk (2001), entre outros, todos partem do pressuposto de que o aprendiz deve ser agente ativo da sua aprendizagem e que precisa desenvolver habilidades autorregulatórias a partir da utilização de estratégias facilitadoras.

O estudo de Lima Filho, Lima, Bruni (2015), composto por uma amostra 250 estudantes em duas universidades públicas da Bahia, mostra que o nível de autorregulação do aprendiz pode ter relação com gênero e com a idade. Segundo este autor, as mulheres e os alunos mais jovens tendem a ter níveis mais elevados de aprendizagem autorregulada e a estratégia mais utilizada é a busca de ajuda externa. Isso ajuda a perceber que os alunos mais velhos e os do gênero masculino devem receber uma atenção ainda mais especial em relação a seu desenvolvimento autorregulado, independente e proativo. Também leva a questionar como um modelo de aprendizagem que ensina e avalia todos da mesma maneira pode ser eficiente, uma vez que as pessoas são diferentes.

No entanto, Lüftenegger (2012), num estudo realizado com uma amostra de 3.362 alunos em 28 escolas austríacas, refere que os meninos expressam níveis mais altos de auto eficácia (eficácia no alcance dos objetivos) do que as meninas. Trata ainda que as manifestações de interesse, objetivos de aprendizado e auto eficácia diminuem entre os alunos à medida em que alcançam as notas mais altas e que, portanto, a nota tem um maior poder de interesse. Nesse estudo indica que os alunos demonstram menos interesse pelas aulas na medida que alcançam os objetivos escolares, as notas prioritariamente, e deixam de atribuir significado às aulas para continuarem motivados ao envolvimento. Este fato reforça a ideia de que aprendizagem sem significado não envolve o aprendente a buscar na escola um meio para desenvolver estratégias, habilidades, competências para vida, mas apenas o prepara para passar em provas.

Quanto a essas estratégias autorregulatórias, tanto existem estratégias favoráveis como desfavoráveis ao aprendizado. Adiar os estudos, atribuir o insucesso à falta de tempo, não realizar leituras/estudos necessários, entre outros, são consideradas estratégias desfavoráveis que caminham contra o desenvolvimento da auto regulação. As diferentes orientações às quais estratégias adotadas para construção da auto regulação podem estar relacionadas são: a motivação, a dimensão afetiva/emocional, a crença pessoal e dimensão social. No entanto, é um tema pouco explorado na literatura.

A categoria Ênfase na avaliação representa 10% dos estudos analisados (n=5). Nesses estudos foi possível perceber que a avaliação é frequentemente tratada como um fim em si mesmo e intuito classificatório, pouco abordada como um instrumento de formação ao longo do processo de ensino-aprendizagem. A avaliação, segundo Clark (2011), pode ser classificada em: diagnóstica, somativa e formativa. Sendo que a somativa é a mais utilizada no contexto escolar formal e tradicional. As notas e aprovação do aluno para o ano seguinte, bem como o cumprimento do tempo burocrático do ensino, é uma forma limitante para o professor dedicar-se às avaliações formativas que demandam tempo para reconstrução do conhecimento do aprendente a partir do feedback do professor e da troca entre os pares.

Existe uma percepção fragilizada dos professores acerca do papel da avaliação. A avaliação formativa é, portanto, uma estratégia que compõe o arsenal de estratégias autorregulatórias e de desenvolvimento da metacognição. Essa forma de organizar a avaliação contribui para monitorar os potenciais e fragilidades dos aprendentes, a fim de mostrar as zonas que precisam ser trabalhadas. Também ajuda esclarecer o ponto de partida e de chegada de cada um, o que ajuda na construção da consciência dos seus saberes, respectivamente.

Entende-se que a avaliação está intimamente relacionada à gestão da aprendizagem, uma vez que se trata de um instrumento norteador que auxilia a identificar a necessidade do aprendente, contribuindo para elaboração de melhor orientação face às limitações apresentadas. A prática de avaliar nos contextos tradicionais de ensino ao qual se está acostumado perde-se em mensurar e quantificar o conhecimento, deixando de identificar limitações para instigar potenciais individuais e coletivos.

Pouco se identificou nos artigos (n=1) a autoavaliação como uma avaliação válida no processo formativo. A avaliação é sempre tratada de uma maneira hierarquizada, em que o professor avalia e valida a condição de aprendizagem do aluno, evidenciado a relação de poder entre estes. Bem como impossibilita ao aprendente de exercer a habilidade de autorregular-se. A autoavaliação compõe um arsenal de estratégias de auto regulação que estimulam o indivíduo a se apropriar do seu processo de aprendizagem (PUNHAGUI, 2013).

### **Metacognição**

A categoria metacognição representa apenas 4% (n= 2) dos artigos coletados para este estudo, mas não menos importante. Os estudos sobre metacognição desta pesquisa utilizaram, sem exceção, estudos desenvolvidos em cursos presenciais. Segundo Deffendi e Schelini, (2016) os aprendentes que têm seu sistema metacognitivo melhor desenvolvido têm uma maior consciência do seu nível de saber e conseguem apontar com facilidade o que aprenderam numa disciplina ao longo do semestre. Quando nos deparamos com uma situação em que alguém nos diz para fazer algo de um determinado modo e respondemos "eu faço melhor dessa forma" ou "não, eu aprendo melhor assim", ou quando decoramos o número de documento pessoal, a análise, o planejamento e a escolha da melhor forma de realizar a tarefa é o que se chama de metacognição.

A metacognição tem influência multifatorial na sua construção individual, uma vez que pode ser desenvolvida ao longo do tempo e influenciada pelas experiências pessoais e sociais do indivíduo. Nesta categoria há um predomínio de pesquisas longitudinais. Esse dado pode ser explicado pela sua natureza multifacetada, sendo necessária uma análise ao longo do tempo para melhor identificar o nível de metacognição e as estratégias auto regulatórias do aprendente no contexto escolar.

Entende-se que a metacognição está entrelaçada diretamente com o conceito de autorregulação suportadas por duas componentes: a consciência da cognição e a regulação da cognição, sendo que esta última diz respeito ao auto monitoramento da construção do saber.

Assim, a metacognição está intimamente ligada ao conceito de avaliação, pois requer reflexão proposital no sentido de auto corrigir-se a fim de saber o que aprendeu e o que deve aprender. Trata-se da autorreflexão dos indivíduos sobre a maneira como o fazem e como o poderiam fazer “melhor”, ou seja, a sua avaliação metacognitiva do processo de aprendizagem.

Para Corrêa, Passos e Arruda (2018, p.520), “Toda relação com o saber é uma relação consigo por meio da aprendizagem”. Entende-se, portanto, que para instigar o desenvolvimento da metacognição nos aprendentes, é preciso reforçar a ideia de formação voltada para fortalecimento do autoconhecimento. No entanto, o próprio sistema de ensino desprestigia isso quando o paradigma curricular se distancia da análise crítica social, ignorando a relação identitária que existe entre o indivíduo e o seu processo de aprender.

O fato da falta de estímulo ao autoconhecimento dos atores do ambiente escolar é evidenciado quando apenas dois artigos compõem a categoria que aborda o papel do professor no processo de aprendizagem como tema central, bem como um único artigo contempla a perspectiva do aluno como tema central. No entanto, há constantemente, em outras categorias, referência a este quesito. Fica evidente o reconhecimento da importância da alteração dos papéis dos atores no cenário educacional para promover gestão da aprendizagem.

No modelo de ensino fundado na gestão da aprendizagem, o professor passa de “transmissor de conhecimento” para o papel de orientador/mediador do ensino-aprendizagem. Essa alteração dos papéis no cenário educativo também é encarada, por alguns educadores, como declínio nas funções do professor por perda do seu poder e autoridade em sala de aula, mas, ao mesmo tempo, reconhece-se a grande contribuição na aprendizagem autônoma do aluno (PEREIRA, 2013).

Trata-se, portanto, da necessidade de uma redefinição do papel de três importantes agentes no contexto do ensino: o conhecimento, tido como um bem de valor; o sujeito, como principal responsável pela construção do seu saber; e o professor, como mediador entre os dois primeiros. Se o professor é figura central do aprendizado e o conhecimento é de poder do professor, longe se está de uma partilha orientada e multidirecional. Martins (2017), ao tratar das redes de aprendizagem, considera que todos os atores devem ser visíveis e podem atuar ativamente na própria aprendizagem, bem como cooperar na aprendizagem dos colegas. Enquanto o ensino estiver centrado no professor, seu propósito efetivo é o de ensinar e o aprender para a vida estará mais distante de ser alcançado.

Na gestão da aprendizagem, o professor é um tutor que orienta o caminho de forma dinâmica, sem a necessidade de estabelecer rotas fixas. Uma vez que o percurso em direção

à aprendizagem pode ser influenciado pelas características próprias de cada aprendiz. As motivações pessoais e sociais podem ser diferentes nos resultados de aprendizagens. Deste modo, considera-se que a gestão da aprendizagem está intrinsecamente ligada a uma educação dialógica que permite trocas democráticas em respeito às particularidades dos envolvidos no processo.

Um único artigo trouxe a perspectiva do aprendiz como tema central, mostrando a invisibilidade da perspectiva do aprendiz no processo da sua própria aprendizagem, contrariando um dos princípios da gestão da aprendizagem: o aprendiz no centro do processo de aprendizagem. Tudo que trata de aprendizagem, mas que o aluno não é referenciado como o ator central desse processo, refere-se, pois, à gestão do ensino. Ao desconsiderar a perspectiva do aluno, desconsidera-se, concomitantemente, a sua centralidade na aprendizagem, acarretando consequências ruins na sua produtividade.

## Conclusão

O objetivo deste estudo foi identificar o conceito de gestão da aprendizagem descrita/usada na literatura científica. O estudo concentrou-se em estabelecer os princípios inerentes à gestão da aprendizagem de acordo com a literatura encontrada sobre o tema. Constatou-se que a sua discussão na literatura científica não contempla a abrangência do conceito, mas trata de suas componentes isoladamente. Uma vez que processo de ensino-aprendizagem é complexo, não há unanimidade sobre os aspectos considerados mais importantes. Daí, a importância de não reduzir a uma única variável para discutir sobre gestão da aprendizagem.

Fica evidente a importância de uma maior apropriação e divisão das responsabilidades no processo de ensino-aprendizagem para o desenvolvimento de capacidades para a autoaprendizagem, como a autonomia, a autorregulação e metacognição do aprendiz. A forma compartimentalizada e explorar o conceito de Gestão da Aprendizagem não contempla a proposição de uma abordagem de ensino disruptiva, mas reafirma, com inserções metodológicas ativas, os processos pedagógicos tradicionais de ensinar.

A perspectiva do aprendiz parece se manter invisível no cenário educativo, porém, enquanto o aprendiz não estiver no ponto central da própria aprendizagem, qualquer proposta de inovação, seja no método ou na organização curricular, será banalizada. O fato é que os currículos tradicionais devem ser superados a fim de que o ensino, o qual está notadamente em crise, torna-se menos tecnicista e assuma caráter mais reflexivo e crítico.

Tal objetivo, entretanto, pode ser atingido com a reformulação curricular fundada na gestão da aprendizagem e respectivos princípios norteadores.

O desafio que se coloca, portanto, é o de implementar processos pedagógicos que ajudem os alunos a se transformarem em pessoas ativas, potencializando-os e formando-os para a vida. Tal fato requer o investimento em novas abordagens de ensino que permitam, ao aprendente, apropriação crítica do conhecimento, na perspectiva dialógica e interdisciplinar, tendo, na gestão da aprendizagem, um instrumento de transformação.

## Referências

- BANDURA, Albert. *Social Foundations of thought and action: a social cognitive theory*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1986.
- CAMPOS, L. R. G.; RIBEIRO, M. R. R.; DEPES, V. B. S. Autonomia do graduando em enfermagem na (re) construção do conhecimento mediado pela aprendizagem baseada em problemas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 67, n. 5, p. 818-824, 2014.
- CLARK, Ian. Formative assessment: Assessment is for self-regulated learning. *Educational Psychology Review*, v. 24, n. 2, p. 205-249, 2012.
- CORRÊA, Nancy Nazareth Gatzke; PASSOS, Marinez Meneghello; ARRUDA, Sergio de Mello. Metacognição e as relações com o saber. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 24, n. 2, p. 517-534, 2018.
- DEFFENDI, Luma Tiziotto; SCHELINI, Patrícia Waltz. O monitoramento metacognitivo em tarefas que envolvem a criatividade verbal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 32, n. 3, pp. 1-8, 2016.
- FERNANDES, Maria Petrólia Rocha et al. Avaliação da aprendizagem: reflexões dos professores de educação física na educação básica. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, v. 23, n. 2, p. 306-320, 2019.
- FLAVELL, J. H. Metacognition and cognitive monitoring: A new area of cognitive-developmental inquiry. *American Psychologist*, v. 34, n. 10, p. 906 – 911, 1979.
- GALVÃO, Taís Freire; PANSANI, Thais de Souza Andrade; HARRAD, David. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 24, p. 335-342, 2015.
- HOLIC, Henry. *Autonomy in foreign language learning*. Oxford: pergamon, 1981.
- KOMISSAROUK, Svetlana; HARPAZ, Gal; NADLER, Arie. Dispositional differences in seeking autonomy- or dependency-oriented help: Conceptual development and scale validation. *Personality and Individual Differences*, v. 108, p. 103-112, 2017.
- LIMA FILHO, Raimundo Nonato; LIMA, Gerlando Augusto Sampaio Franco; BRUNI, Adriano Leal. Aprendizagem autorregulada em Contabilidade: diagnósticos, dimensões e explicações. *Brazilian Business Review*, v. 12, n. 1, p. 38, 2015.
- LINDE K, Willich SN. How objective are systematic reviews? Differences between review son complementary medicine. *J R Soc Med*, v. 96, n. 1, p. 17-22, 2003.
- LÜFTENEGGER, Marko et al. Lifelong learning as a goal—Do autonomy and self-regulation in school result in well prepared pupils? *Learning and Instruction*, v. 22, n. 1, p. 27-36, 2012.

- MARTINS, J. L. Enquanto uns ensinam outros navegam. Porto Alegre: Fi, 2017.
- MORIN, Edgar. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. 2002. Cortez, São Paulo.
- PACHECO, J. A. Currículo, Aprendizagem e Avaliação: Uma abordagem face à agenda globalizada. Revista Lusófona de Educação, n. 17, p. 75-90, 2018.
- PEREIRA, Suellen Silva; ALVES, Telma Lúcia Bezerra; CABRAL, Laíse Do Nascimento. Recursos midiáticos e geografia escolar: propostas metodológicas em busca da renovação no ensino. Geo UERJ, v. 2, n. 24, 2013.
- PUNHAGUI, G. C.; SOUZA, N. A. A autoavaliação na aprendizagem de língua inglesa: subsídio para reconhecimento da própria aprendizagem e gestão do erro. Roteiro, v. 37, n. 2, p. 265-294, 2012.
- SAMPAIO, Mancini. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. Rev bras fisioter, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.
- SULTANA, Sharmin. Need Analysis: An Invaluable Step for Successful Autonomous Learning. English Language Teaching, v. 11, n. 7, p. 37-47, 2018.
- VIEIRA, Sofia Lerche; VIDAL, Eloisa Maia; NOGUEIRA, Jaana Flavia Fernandes. Gestão da aprendizagem em tempos de Ideb: percepções dos docentes. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação-Periódico científico editado pela ANPAE, v. 31, n. 1, p. 85-106, 2015.
- ZIMMERMAN, B. J.; SCHUNK, D. Self-regulated learning and academic achievement: theoretical perspectives. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

**ABSTRACT:**

The Learning management underpins a teaching proposal organized around learning, based on the protagonism of the learner. It is about considering the experiences brought by all the actors involved. This study aimed to identify the effectiveness of the Learning Management concept described in the scientific literature. For that, a systematic review of the published literature was carried out between 2010 and 2020. The PRISMA protocol was used, 50 articles were selected. The scientific literature points out that learning management is treated in an indirect and fragmented way in studies, and establishing little relation between its guiding principles. As well as the importance of a greater appropriation and division of responsibilities in the teaching-learning process.

**KEYWORDS:** Learning management; autonomy; metacognition; self-regulation.

**RESUMEN:**

La gestión del aprendizaje se basa en una propuesta didáctica organizada en torno al aprendizaje, en función del rol del aprendiz. Este estudio tuvo como objetivo identificar la efectividad del concepto de Gestión del Aprendizaje descrito en la literatura científica. Se realizó una revisión sistemática de la literatura publicada entre 2010 y 2020. Se utilizó el protocolo PRISMA y se seleccionaron 50 artículos. La literatura científica señala que la gestión del aprendizaje es tratada de manera indirecta y fragmentada en los estudios de este concepto y establece poca relación entre sus principios rectores. Es evidente la importancia de una mayor propiedad y división de responsabilidades en el proceso de enseñanza-aprendizaje.

**PALABRAS-CLAVES:** Gestión del aprendizaje; autonomía; metacognición; autorregulación.